



*Fragmentos da História -
Jaraguá*

Autor: João Luiz das Graças Soares



*Projeto Viva e Reviva Jaraguá
Colégio Estadual São José*

Dr. Lineu Olímpio de Souza
Prefeito de Jaraguá

Profº Sebastião Soares filho
Secretário Municipal de Educação

Alessandra Evangelista da Silva
Diretora: Colégio Est. São José

Ana Cristina Bergameli Leite
Coordenadora Projeto Viva / Reviva

Samuel Castro
Samuel Pereira
Flávia Loane
Leanha Santos
Romênia Caldas
Claiton Fleury
Daniel Herculano

Fernando Machado
Cláudio Vieira
Jovano José Santos
Professores de Música do Hino

Participantes do Coral (Voz)

Wanderson Oliveira
Silas Levi
Tiago Castro
Herlyan Bruna

Profº João Luiz das Graças Soares
Redação Final

Participantes do Coral (Violão)

Profª. Dulce Madalena Rios Pedroso
Supervisão

ORGANOGRAMA DO COLÉGIO SÃO JOSÉ 2005

Diretora: Alessandra Evangelista da Silva

Secretária: Patrícia A. da Costa

Professores: Ana Cristina B. Leite - Ana Maria da Silva Ribeiro - Aparecida Rodrigues - Camila R. Soares - Cláudia Barros - Denise Félix - Edilânia Santos - Edilene Cardoso - Edmar Gomes - Eliane Bravo - Gislene Barros - Guimar Sousa - Helena Maia - Inácia Rosaria - Iracema Machado - Joana D'arc - João Luiz - Jucélia Ribeiro - Laudelina Camargo - Lindomar Ferreira - Loreana Danilla - Lucelena Santos - Lucimar Leite - Maria Elizabeth - Maria Elizama - Maria Eva - Marlene Estevão - Mônica Lopes - Neci Pereira - Nivaldo da Penha - Odília Sá - Roseli Silva - Sebastião Soares - Vanda Alice - Vanderly Barros - Zizilana Silva - Rodrigo Sulino - Lindomar Ferreira - Eliane Maria Alves.

Funcionários:

Aristina Silva - Divina Francisco - Dorcelina Alves - Glória Maria - Ivânia Santos - Joaquim Rosa - José Nivaldo - Maria Fátima - Marlene Farias - Marta Batista - Maura Coelho - Rosemary Melo - Silmar Sousa - Terezinha Alves - Valdeir Vieira - Otávio Rodrigues.

NOTAS DO AUTOR:

Sou jaraguense, filho de José Soares dos Santos e Ana Abrenhosa dos Santos, ambos pirenopolinos e já falecidos.

Fiz o curso primário na Escola Manoel Ribeiro de Freitas Machado, a segunda fase no Colégio Estadual de Jaraguá, hoje Diógenes de Castro Ribeiro e o Ensino Médio (Científico) no Liceu de Goiânia. Em 1978, me formei para professor primário no centro de formação de professores em Inhumas-GO.

Em 2005 completei 32 anos de magistério na rede estadual de ensino, dos quais 25 anos foram dedicados exclusivamente ao ensino de Língua Portuguesa e Artes.

Embora tenha freqüentado boas faculdades: UNI-Evangélica (1981-1982), UFG (1987-1988) e UEG (2001), não cheguei a terminar o curso de Letras que tanto pretendia.

Não pretendo ser escritor, o que me impele a escrever é a ânsia em informar, esclarecer, instruir e principalmente denunciar as injustiças e maus tratos praticados ao homem, à natureza e principalmente aos animais.

A intimidade que tenho com a escrita deve ter sido adquirida através dos longos anos de estudo e ensino da Língua Portuguesa ou então são forças vindas de encarnações passadas.

Os agradecimentos que tenho a fazer às pessoas as quais me ajudaram na construção desta "cartilha", vão primeiramente ao meu irmão Domingos Soares dos Santos, financiador de minhas primeiras letras; às professoras Dulce Madalena Rios Pedroso e Alessandra Evangelista da Silva, principais incentivadoras; ao meu amigo Reinaldo Cruz do SINPRO-DF; a todas as pessoas que colaboraram com fotos, entrevistas e informações; aos meus patrocinadores e principalmente a Deus, que permitiu que cada um de nós pudesse dar a sua contribuição na realização deste trabalho a favor da cultura de nossa gente

(o autor)

OBJETIVO DA OBRA:

A idéia de um livro contendo a história de Jaraguá a nível de alunos de 1ª a 8ª séries surgiu da dificuldade demonstrada por muitos alunos em pesquisar sobre a história da cidade.

A história de Jaraguá ainda é vista sob um panorama obscuro, composto de mitos e lendas, sendo regida mais pela oralidade de seu povo que por informações contidas na documentação histórica.

Livros de pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado se tornam objetos complexos de pesquisas, dificultando o trabalho principalmente dos alunos do ensino fundamental.

Tal obra não pretende, portanto, dar o peixe a ensinar a pescar, mas sim facilitar a vida estudantil de nossos alunos através de uma leitura simples, sintetizada e de fácil entendimento, levando também em consideração o pouco tempo que o aluno dispõe para os estudos, na atribulada vida de confeccionistas a que são na maioria submetidos atualmente.

A história de Jaraguá aqui apresentada significa o cumprimento de um objetivo proposto pelo projeto intitulado Viva e Reviva Jaraguá, da Secretaria de Educação do Estado de Goiás onde se propôs a elaboração de um estudo advindo de pesquisas, trabalho de fichamento e produção de textos compostos pelos alunos, com coordenação, redação e supervisão feitas por professores delegados para tais missões.

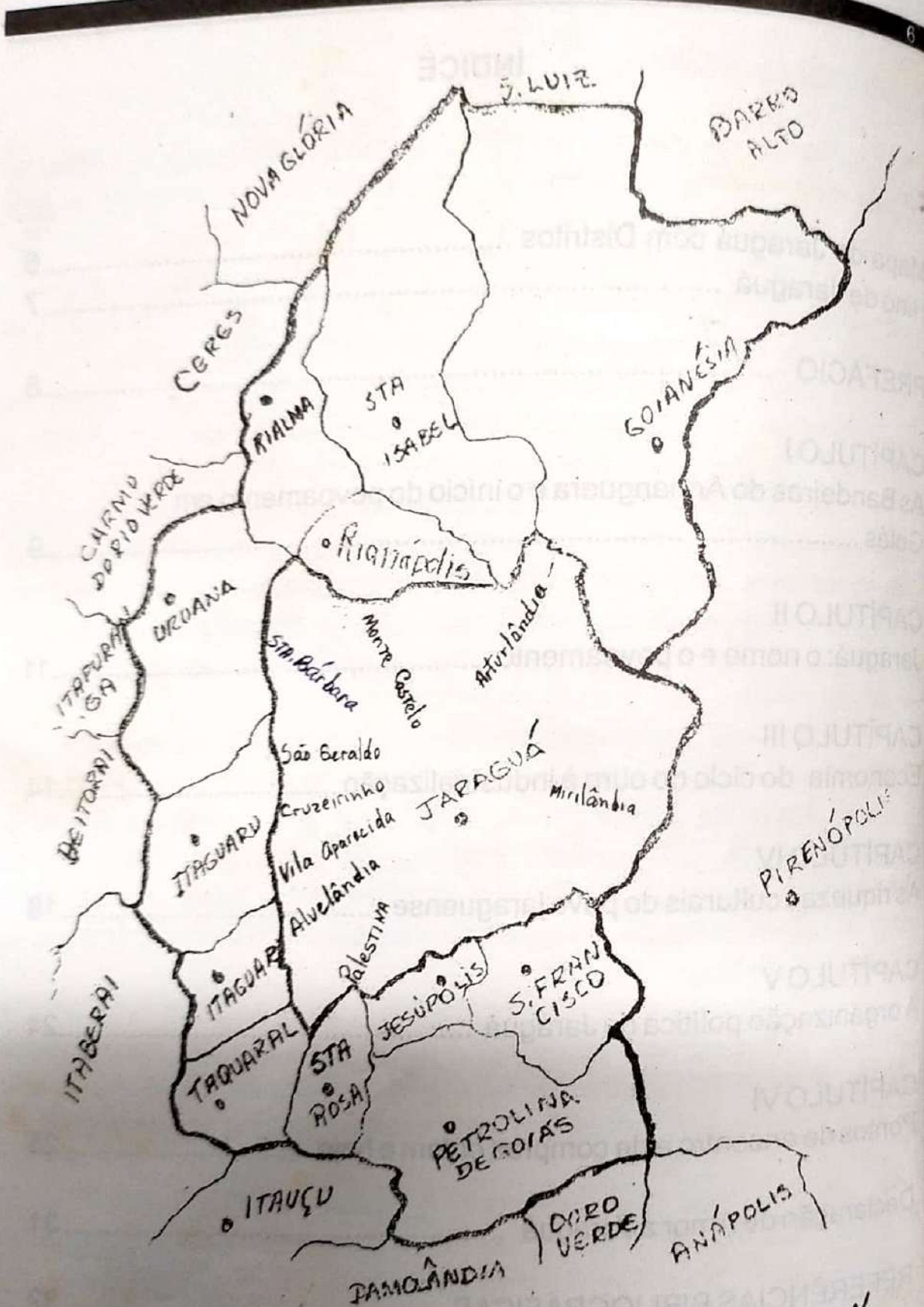
Este trabalho obedece também a uma parceria feita com o projeto "Memória e Patrimônio" uma proposta de estudo sobre Jaraguá, da prof.^a Dulce Madalena Rios Pedroso, da Universidade Católica de Goiás, a qual mui gentilmente assina a supervisão deste livro.

Espera-se que, somando a todos os outros trabalhos já apresentados sobre a história de Jaraguá, este seja mais um reforço na procura da identidade do povo Jaraguense.

O Redator

ÍNDICE

Mapa de Jaraguá com Distritos	6
Hino de Jaraguá	7
PREFÁCIO	8
CAPÍTULO I	
As Bandeiras do Anhanguera e o início do povoamento em Goiás	9
CAPÍTULO II	
Jaraguá: o nome e o povoamento	11
CAPÍTULO III	
Economia do ciclo do ouro à industrialização	14
CAPÍTULO IV	
As riquezas culturais do povo jaraguense	18
CAPÍTULO V	
A organização política de Jaraguá	24
CAPÍTULO VI	
Pontos de encontro e de compras ontem e hoje	28
Declaração de Amor a Jaraguá	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32



HINO DE JARAGUÁ

Jaraguá, cidade pequena
Tem lindas morenas
Parece um jardim

Jaraguá, tem nome de glória
Gravado na história
Deste meu país

Jaraguá, foi ouro, foi prata
Que fez o homem
Aqui vir morar

Não se esqueça
Oh! Cidade bonita
Cartão de visita
Deste meu Brasil!

Jaraguá, Feiticeira
Majestosa, Altaneira
Jaraguá, Feiticeira
Em meus sonhos tu és a primeira
(Refrão)

Jaraguá, foi ouro, foi prata
Hoje tece linhas
Riquezas sem fim

Jaraguá, tem negro
Tem louro,
Tem branco, mulato
Povo varonil

Jaraguá é serra, é vale
Águas cristalinas
E um povo gentil

Não se esqueça
Oh! Cidade bonita
Cartão de visita
Deste meu Brasil!

Observação: Este hino ou cântico da velha guarda jaraguense passou por adaptação. O original, diz a história oral que o seu autor é um antigo professor de música, chamado Sebastião José Siqueira, apelidado por Nenzão. Foi professor de música, maestro da banda e era irmão do atual maestro da Banda Santa Cecília; Sr. José Joaquim do Nascimento.

PREFÁCIO

Ao tomar conhecimento do livro (Fragmentos da História Jaraguá), como professora de História e inserida nos movimentos sociais da Educação como presidenta do SINTEGO Regional Goianésia/Jaraguá, percebendo a grande relevância dessa obra para a História de Jaraguá, nos faz refletir de forma diferenciada, com fácil interpretação para os educandos da educação básica.

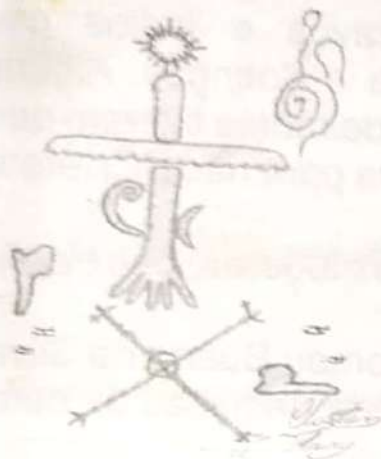
Sei que esses fragmentos expressam os registros da história secular deste gigantesco município com potencialidades que somente quem verdadeiramente conhece este chão, pesquisou em várias obras, teve condições de sintetizá-las nestes fragmentos.

Parabéns ao professor João Luiz por este maravilhoso trabalho que expressa a história jaraguense desde o ciclo do ouro até a industrialização.

Professora Maria do Socorro L. S. Barros
Educação Básica e UEG

CAPÍTULO I

AS BANDEIRAS DO ANHANGUERA E O INÍCIO DO POVOAMENTO EM GOIÁS



Assim que consolidou a ocupação do Brasil no século XVI, ainda nos anos de 1500, os portugueses começaram a organizar expedições chamadas bandeiras para penetrar o interior do país à procura de índios para escravizar, pois a construção do Brasil exigia mão-de-obra e o negro vindo da África se tornava um produto caro.

Entre 1673-1682 o português Bartolomeu Bueno da Silva partiu de São Paulo rumo ao interior do Brasil. Bartolomeu Bueno, apelidado Anhanguera, levava em sua bandeira o filho de 12 anos com o mesmo nome do pai.

Esta bandeira chegou ao sertão goiano e descobriu numas rochas desenhos que muito se assemelhavam à coroa, lanças, cravos, escadas, enfim, tudo que lembrava os instrumentos dos martírios de Cristo. Junto aos martírios havia um rio e nesse rio havia muito ouro, mas a hostilidade dos índios Goyazes fez a bandeira de Bartolomeu recuar, voltando para São Paulo e relatando ao rei de Portugal a abundância do ouro encontrado na terra dos índios Goyazes.

Em 1722 parte de São Paulo nova bandeira, desta vez chefiada pelo Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que herdara também o apelido do pai, Anhanguera. Bartolomeu Filho procurava então, voltar ao mesmo sertão onde estivera com seu pai, o Anhanguera, cerca de 40 anos atrás.

Diz-se que a origem do nome Anhanguera surgiu quando o velho Bartolomeu andava pelos sertões, pôs fogo numa vasilha contendo aguardente a fim de atemorizar os índios dizendo-lhes que se não informassem onde havia ouro, ele queimaria os rios e as fontes. Com isso os indígenas passaram a chamá-lo Anhanguera que na língua indígena significa "diabo velho".

Assim, em 1722, o Anhanguera II voltou com numerosa bandeira ao sertão onde estivera quando criança a fim de achar

novamente aqueles índios chamados Goyazes e também o local dos martírios.

Durante três anos, o Anhanguera II andou perdido no hoje centro do estado de Goiás, à procura daqueles índios e também dos martírios.

A bandeira de Bartolomeu passou por enormes sofrimentos, lutou com índios e muitos sertanistas, escravos e índios que acompanhavam a bandeira, morreram de fome e doenças. Alguns sobreviventes desta bandeira relatam que os bandeirantes tiveram que comer os próprios cavalos e cachorros da comitiva para não morrerem de fome.

O anhanguera descobriu ouro em diversos lugares, entretanto os martírios de Cristo ele não conseguiu identificar.

Em 1725 a bandeira estropeada de Bartolomeu Bueno da Silva regressou a São Paulo com a notícia da descoberta de minas de ouro no sertão goiano.

No ano seguinte, 1726, o Anhanguera volta novamente às minas dos índios Goyazes e inicia a exploração das minas que achara nos anos anteriores. Iniciava-se o povoamento de Goiás, descobriam-se mais minas de ouro e fundavam-se mais arraiais.

Em 1727 Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera II fundou o arraial de Santana, depois chamado Vila Boa e hoje Cidade de Goiás Velho.

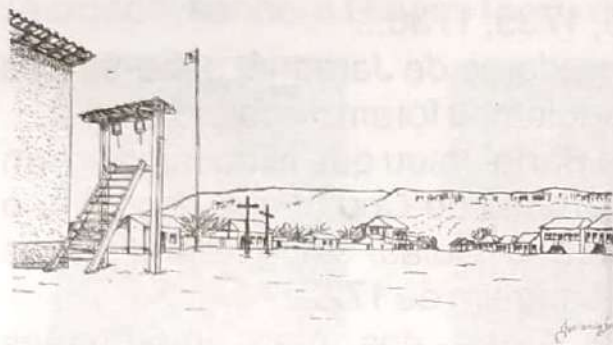
Um português da bandeira de Bartolomeu, chamado Manoel Rodrigues Tomar fundou em 1731 o arraial de Meia Ponte, hoje Pirenópolis e em 1736 o arraial do Córrego do Jaraguá.

Atualmente os historiadores afirmam que as minas de ouro em Jaraguá foram descobertas por negros faiscadores e que não há nenhum registro histórico que comprove a presença de Tomar em Jaraguá, mas o mérito da fundação da cidade ficou com ele porque era ele o dono dos escravos e financiador da bandeira que encontrou ouro no arraial do córrego de Jaraguá. Os negros que descobriam minas de ouro eram agraciados com indultos de liberdade que iam desde a permissão para eles se casarem, garimparem por conta própria ou até mesmo a liberdade total, dependia do tamanho da mina de ouro encontrada.

As historiadoras Dulce Madalena Rios Pedroso e Liz Elizabeth A. M. Duarte são unânimes em dizer que Manoel Rodrigues Tomar é o fundador de Jaraguá tomado de empréstimo de Pirenópolis. Apóiam-se na idéia de que quem fundou Pirenópolis fundou também Jaraguá.

CAPÍTULO II

Jaraguá: O nome e o povoamento



1ª imagem gráfica de Jaraguá, feita pelo inglês Burchel em 1828.

A história oral ou popular de Jaraguá diz que a palavra Jaraguá é derivada de uns índios chamados Jaguarás e muitas foram as crianças que no passado, dormiram sob a ameaça da chegada de tais índios.

Hoje a hipótese da existência destes índios é contestada cientificamente pela maioria dos

historiadores. A profª e historiadora Dulce Madalena Rios Pedroso, estudiosa das comunidades indígenas existentes no Brasil, afirma que o nome Jaguarás deve ter surgido do forte imaginário popular das pessoas daquela época que talvez vendo Goiás sendo derivado dos índios Goyazes, logo imaginaram um índio Jaguarás para Jaraguá. A profª Dulce afirma ainda que após um vasto estudo dedicado a esta suposta comunidade indígena, ficou provado que os índios Jaguarás jamais existiram.

A hipótese mais aceita hoje pelos escritores e historiadores é a de que o nome Jaraguá tenha vindo da língua tupi-guarani onde significa serra, monte, vale. Então, quando os bandeirantes, índios e escravos passaram por Jaraguá, é natural que eles tenham dito a palavra Jaraguá ao se referirem à serra, pois o tupi-guarani era àquela época a língua oficial no interior do Brasil. Além do mais, estes desbravadores já haviam dado o mesmo nome ao Pico do Jaraguá em São Paulo, que possui serra semelhante à de Jaraguá.

A serra continuou sendo o maior cartão postal de Jaraguá, mas mesmo assim tem sofrido freqüentes ataques de depredação. Embora muitos jaraguenses ainda insistem na preservação do patrimônio natural da cidade, não se ouve mais o cântico da saracura no rio Vermelho e nem o piar da seriema na serra.

Em 1998, obedecendo à lei de nº 13247, a serra passa a fazer parte do Parque Estadual da Serra de Jaraguá, mas nada de prático visando a sua preservação tem sido feito até o presente momento.

Pesquisar sobre Jaraguá se torna um trabalho árduo devido à grande ausência de fontes de pesquisas e os registros atuais possuem uma certadiscrência principalmente em relação a datas, o que tem confundido muito o leitor/pesquisador. Um exemplo é a data de fundação de Jaraguá. Em 1960 era ensinado nas escolas como sendo no ano de 1729, hoje fala-se em 1730, 1735, 1736...

Em relação aos primeiros moradores de Jaraguá, sabe-se que muitos integrantes da bandeira de Bartolomeu foram morar no arraial.

Um integrante da bandeira de Bartolomeu que fixou morada em Jaraguá foi o ilhéu (Ilhas Canárias) Urbano do Couto, que escreveu o roteiro da 2ª viagem do Anhanguera a Goiás, onde relata cenas inimagináveis do sofrimento daquela bandeira de 1722.

Outro morador de Jaraguá e um dos mais importantes bandeirantes de Goiás, foi Francisco Soares de Bulhões. Este bandeirante tornou-se mais tarde, capitão da Cavalaria do Córrego de Jaraguá, vindo a falecer neste Arraial no ano de 1775.

Na verdade, Urbano do Couto e Francisco Soares de Bulhões foram moradores ilustres de Jaraguá, mas o arraial era formado em sua maioria por negros e forasteiros, que atraídos pelo ouro, iam constituindo famílias e fixando residências.

Há registros de que as riquezas encontradas em Jaraguá atraíram muita gente para o local que em breve se formou um povoado.

Em 1833, portanto 97 anos após a sua provável fundação, o arraial do Córrego de Jaraguá passa a se chamar Vila de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá.

O arraial começou a ter aspectos de cidade e a decadência do garimpo em outras localidades acabava trazendo mais moradores para Jaraguá.

Muitas famílias tradicionais de Jaraguá hoje são descendentes de migrantes que chegaram para Jaraguá no final do século XVIII e começo do século XIX, vindas principalmente de núcleos urbanos decadentes, como Trairas, Niquelândia, Pilar de Goiás, Santa Rita e Muquém, devido aos freqüentes ataques dos índios Avá-Canoelros ou simplesmente por terem garimpos desativados.

Um migrante que chegou a Jaraguá nesta época vindo de Trairas foi João Leite da Silva, homem simples, com forte inclinação para a música. Foi maestro da Banda Santa Cecilia e tinha muito prestígio. Como não teve filhos, adotou uma meninha de nome Ana, que foi legitimada e criada com muito carinho pelo casal João Leite e sua

esposa, dona Virgínia de Sousa Pimentel. Donana, como era carinhosamente chamada, veio a se casar mais tarde com o Sr. Epaminondas de Freitas Queiroz e tiveram 4 filhos: Alfredo, Alice, João e Mirtes. A segunda filha de Donana, Alice, casou-se com o senhor José Antônio de Oliveira Neto, o Batuta, e são os pais da atual primeira dama da cidade, senhora Glades Maria de Oliveira Souza.



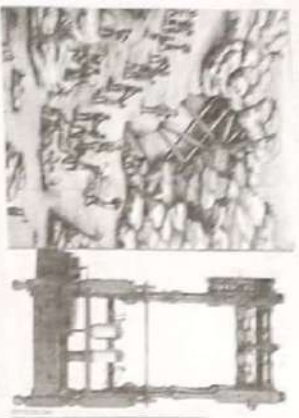
A saudosa Donana, como era carinhosamente chamada e sua neta Glades, atual primeira dama de Jaraguá. Respectivamente filha e bisneta do Maestro João Leite da Silva

Em 29 de Julho de 1882 Jaraguá emancipa-se de Pirenópolis e a Vila de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá é elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Jaraguá. Em 1900 as principais ruas da cidade já se encontravam formadas: Rua Direita (Itaú), Rua do Mercado (Pelotão), Rua do Rosário, Rua das Flores, Rua de Trás, Rua Boa Vista e Praça da Matriz.

Jaraguá só começou a expandir o seu traçado urbano rumo à praça do Coreto a partir da construção da rodovia Bernardo Sayão que ligava o sul do país à Colônia Agrícola Nacional de Goiás Ceres. Essa rodovia é hoje a avenida Arrenios Fábio Machado de Freitas (antiga Av. Bernardo Sayão).

A cidade de Jaraguá viveu o clima de pacata e tranquila até o final dos anos 60, onde os moradores ainda se conheciam ou eram parentes e as relações de boa vizinhança eram praticadas. A partir dos anos 70 a cidade começou a crescer e atualmente o senso do IBGE, aponta quase 40.000 habitantes.

Jaraguá se encontra em franco desenvolvimento, desta vez alavancado pela indústria e comércio que se instalou na cidade. Outro fator decisivo ao progresso de Jaraguá foi a construção, na década de 60, da BR-153, ligando Brasília a Belém. Ao cruzar Jaraguá, esta rodovia possibilitou não só a exportação de nossos produtos, mas principalmente, a importação de todas as inovações ocorridas no resto do país e no mundo.



Poucas cidades fundadas no ciclo do ouro em Goiás sobreviveram à fase pós-garimpo. Quando o ouro de uma jazida acabava, os garimpeiros abandonavam a área, saindo a procura de novas minas. do o ouro de uma jazida acabava, os garimpeiros abandonavam a área, saindo a procura de novas minas.

Dois fatores contribuíram bastante para que Jaraguá se destacasse no cenário goiano: O 1º por estar o arraial localizado em lugar estratégico, servindo de pouso para viajantes, vendedores ambulantes, europeus, padres e aventureiros que vinham de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Meia-Ponte com destino à capital, Vila Boa (Goiás Velho).

O 2º motivo que contribuiu muito com a fixação do homem no arraial de Jaraguá foi a diversificação das atividades econômicas e a abundância do ouro.

Ao contrário de muitas minas que deixaram de produzir, em Jaraguá essa atividade continuou ao longo do século XIX. Em 1819 o francês Saint Hilaire em passagem por Jaraguá observou que as minas continuavam a produzir, onde cerca de 40 pessoas, entre livres e escravos, faziam a extração do ouro.

Saint Hilaire observou ainda a existência de vários engenheiros de cana-de-açúcar, onde muitas pessoas já se ocupavam da agricultura e criação de gado. Esses engenheiros mantinham o suprimento do arraial fornecendo carne, açúcar, aguardente, arroz e milho, contribuindo então na fixação do homem no arraial.

O ouro em escala de exportação acabara, mas o garimpo manual continuou sendo a única fonte de renda de muitos jaraguenses, e as formas de obtenção do ouro, foram se diversificando, sendo que até o ano de 1979 ainda era comum a prática da cata manual do ouro em pepitas, onde crianças, jovens e adultos se colocavam de cócoras à beira das enxurradas à cata desse precioso metal que era imediatamente vendido aos conhecidos ourives Paulo Baiano e Décio

Rodrigues.

Muitos jovens, senhores hoje, continuaram a custear seus gastos principalmente com estudos, através do garimpo com bateia no Rio Vermelho e no ano de 1980 houve nova corrida ao ouro maior ainda que a de 1736, pois os córregos e rios da região foram todos intensamente explorados por centenas de garimpeiros, desta vez, portando máquinas de última geração.



D. Dilinha Coelho, como era chamada, de tradicional família jaraguense, catava ouro como passatempo. O artista plástico Fernando e o gêmeos Ze Mir e Zé Mário, garimpeiros até o final dos anos 70, no rio Vermelho.

Pode-se dizer que o abandono definitivo do garimpo e da cata manual do ouro em Jaraguá se deu a partir de 1970, causado primeiramente pela pavimentação das ruas da cidade, impedindo a cata manual e depois pela chegada de um certo senhor à cidade.

Esse senhor, chamado Ildevan Pereira da Silva chamou a atenção da pacata Jaraguá ao montar um salão de costura em uma casa na praça da matriz. Esse fato chamava a atenção pela profissão de costureiro não ser comum a jovens, imagem que fugia ao padrão dos velhos alfaiates daquela época.

Chamado de "pão" pelas garotas, causando a indignação dos rapazes, esse novo morador não tardou a dizer a que veio.

Enquanto os alfaiates da cidade costumavam para fregueses definidos, com roupas sob medidas, o recém-chegado costureiro surpreendeu o povo um dia costurando em série, número e cores diversas, trocando definitivamente o linho e o tergal usados na época por um novo tecido: o jeans, conquistando definitivamente o top da moda em Jaraguá onde reinou absoluto por mais de 10 anos.

*Pão: Gíria da época equivalente a galinho de hoje.

O simples salão de costura montado na casa de dona Ana da Mata na praça da Matriz fez desse singelo costureiro o responsável pela mudança do perfil econômico do município, transformando uma economia constituída de simples agropecuária de subsistência e tímida cata ao ouro a um complexo industrial de confecções que ocupou não somente a mão de obra ociosa local, mas também a de inúmeras pessoas de cidades vizinhas que se deslocaram para Jaraguá, num movimento semelhante ao ciclo do ouro no passado.

O sucesso de Ildevan chamou a atenção não só de inúmeras pessoas que passaram a montar confecções, mas chamou a atenção também do prefeito à época Dr. Alano Machado de Freitas e do empresário local.

Dr. Alano tentava industrializar Jaraguá através do couro e da farinha.

Chegou a abrir algumas fábricas de calçados e derivados da mandioca, mas como esses setores não prosperaram, o prefeito e o empresário local voltaram suas atenções para o setor de confecção e fundaram em 1984 a Associação Comercial e Industrial de Jaraguá (ACIJ), a qual teve o empresário Elias Antonio de Sousa (Litim) como seu primeiro presidente.

A partir daí, crianças, jovens e adultos trocaram de vez a batedeira e a enxada pelo tecido, máquina e riqueza. Jaraguá passou a viver a síndrome das confecções que proliferaram em toda a cidade atraindo pessoas e mais pessoas, provocando o crescimento das recém-criadas vilas Rio Vermelho, São José, Brasilinha e a criação de inúmeras outras. Atualmente o antigo Arraial do Córrego de Jaraguá possui a agropecuária bastante praticada, mas é a indústria e o comércio que fazem Jaraguá ser conhecida nacionalmente como a Capital Goiana das Confecções.



Em consequência do sucesso de Ildevan na década de 70, ocorreu em Jaraguá a cada de 80 a síndrome das confecções mudando não somente o perfil econômico do município, mas também a cara da cidade que passou de pacata a um grande centro de compras e vendas de vestuários.



Dr. Alano Machado de Freitas é filho de Clotário de Freitas e Graciema Machado. Nascido em 13/12/1939 em Jaraguá. Foi prefeito nos anos 83-88 e é co-fundador da Associação Comercial e Industrial de Jaraguá (ACIJ).



Ao penetrar no interior do país à procura de índios para o trabalho escravo, os bandeirantes encontraram riqueza muito maior que os pobres índios que procuravam; encontraram ouro em quantidade tão grande que sua extração podia ser feita apenas usando as mãos e a corrida em busca desse metal ocasionou a formação de inúmeros vilarejos no interior do Brasil e as jazidas encontradas em Meia-Ponte, Pirenópolis, Córrego do Jaraguá, Jaraguá e Santana - Cidade de Goiás e outras despertavam como sendo o eldorado brasileiro, tamanha era abundância do ouro encontrada nestes arraiais.

A descoberta de terras tão ricas tornou-se comentário geral não somente no Brasil, mas também na Europa.

As trilhas deixadas pelos bandeirantes tornavam fácil o acesso às terras dos índios Goyazes e com isso um fluxo muito grande de pessoas começaram a passar por Jaraguá. Eram ingleses, franceses, espanhóis, alemães e principalmente portugueses. Estes estrangeiros ao passar ou morar em Jaraguá iam deixando suas marcas, pois impunham suas crenças, costumes e tradições, fazendo com que os outros moradores passassem a admirar e cultivar tais crenças.

A maioria dos costumes, tradições religiosas e profanas do jaraguense são heranças europeias, indígenas ou africanas, como a Festa do Divino Espírito Santo, a Entrada da Rainha, as Cavalhadas e as Danças de Tapuias e Contra-dança.

A Festa do Divino, Cavalhadas e Contra-danças eram tidas como festa dos brancos, com as cerimônias religiosas sendo feita na Igreja da Matriz, já a Entrada da Rainha e Dança de Tapuias eram festas atribuídas aos negros e índios, com as missas e folguedos realizados na Igreja do Rosário, construída mais ou menos em 1776 pelos e para os pretos.

A festa do Divino é sempre realizada em pentecostes, 50 dias após a páscoa e dentro das comemorações ocorrem as Cavalhadas e a Contra-dança.

A Cavalhada, oriunda da França, representa a luta travada entre Mouros e Cristãos na Idade Média, conhecida batalha do Rei Carlos Magno e os 12 pares, onde os cristãos saem vencedores com o batismo dos mouros.

Na luta travada entre os cavaleiros, eles usam lanças, espadas e revólveres com balas de festim, tudo isso numa corrida ensaiada, obedecendo a uma certa coreografia que junto à riqueza da roupa dos cavaleiros, dos ornamentos dos cavalos e da música tocada pela banda, formam um espetáculo de cor, harmonia, disciplina, som, magia e fé.

Os ritmos tocados pela banda durante a Cavalhada são chamados galope e o mais tradicional deles é de autor desconhecido.

O lado cômico das Cavalhadas fica por conta dos mascarados, antes chamados espias, pessoas vestidas com roupas extravagantes, máscaras e muitos usando chifres de boi, na maioria a pé, pedindo trocados, molestando as pessoas e fazendo algazarras nas ruas da cidade.

Outra tradição nas festas dos brancos era a Contra-dança, que desenvolve uma coreografia constituída de casais ao redor de um mastro com fitas coloridas, que ao dançar são trançadas e destrançadas sob o ritmo de sanfoneiros e caixeiros. Atualmente esta dança é desenvolvida ao som do baião.

Assim que terminava a festa dos brancos, os negros e os índios faziam a festa deles. Homenageavam São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, dançavam as danças de Tapuias, Congos e realizavam também o desfile chamado de Entrada da Rainha.

A dança de Congos há muito não é apresentada em Jaraguá, mas o grupo de Tapuias e a Entrada da Rainha são ainda timidamente apresentados.



José Soares dos Santos
Lavrador de origem humilde e portador de talento ímpar. Foi formador na década de 30 dos primeiros grupos de Folia de Reis na região do Bom Jesus e sucessor de João Elias no grupo de Tapuias em Jaraguá a partir de 1950.

A dança de Tapuias consiste em um grupo de pessoas, geralmente homens, vestidos de índios executando uma dança com passos e cânticos indígenas à procura de um certo Japurunga que havia matado a filha do pagé. Há também a figura do cacique que sempre levantado sob o auxílio dos cacetes dos Tapuias, declara versos de bravura, valentia e vitória. A dança de Tapuias surgiu em Jaraguá por volta de 1922, trazida de Giás Velho por um pedreiro que veio construir um prédio comercial para o fazendeiro e comerciante Sr. Antônio Manuel Ribeiro de Freitas Machado.

A entrada da rainha é relatada por Sebastião Fleury Curado, em Memórias Históricas como sendo a chegada da rainha para os festejos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Em seu séquito, a rainha trazia a sua criadagem, grande fartura e muito luxo. Esse desfile era realizado pelos negros com a anuência de seus senhores, que lhes emprestavam os melhores cavalos e as mais luxuosas montarias. As mucamas exibiam penteados exóticos e entravam aos pares com os negros tentando imitar seus padrões. Sebastião Fleury narra ainda que tal desfile tinha por hábito ser regado a muito vinho, o que acabava provocando muitos tombos dos cavaleiros, tornando tudo muito engraçado.

A cultura jaraguense conta ainda com inúmeras contribuições culturais herdadas de diferentes povos, mas os dizeres típicos (In! Quã! Sô!) as lendas, pratos típicos e rezas, são tipos de cultura já nascidas no seio do povo, sendo manifestações consideradas genuinamente goianas.

As lendas jaraguenses são inúmeras, índios Jaguarás, Sabina, Tereza Bicuda, Maria Borralhaeira, o cavaleiro da rua das Flores, etc... mas Tereza Bicuda, a menina má que batia e montava na mãe ou o cavaleiro que trotava a noite toda pela rua das Flores e ninguém via, só ouvia, ficaram na memória.

Uma tradição nunca esquecida em Jaraguá é a Folia de Reis, foliões que saem aos pousos, imitando a viagem feita pelos Reis Magos a Jesus Cristo, geralmente, nos seis primeiros dias do ano, sendo que no último dia se recolhem e nessa recolhida após muitos festejos, corre-se a sorte para saber quem dará os pousos e a recolhida do ano seguinte. Embora muitos autores afirmem ser de origem portuguesa, a Folia de Reis apresenta caracteres de manifestação vinda do homem do campo: a começar pelo seu surgimento em Jaraguá.

Segundo a história oral e entrevistas com alguns jaraguenses, à

* O corte é Antonio Ferreira Reis

folia de Reis surgiu em Jaraguá na região de Bom Jesus sob o comando do lavrador José Soares dos Santos em cumprimento à promessa feita pela mãe dele para livrá-lo de uma forte crise asmática. Assim, saiu ele na década de 1930 a girar seis dias com a bandeira dos Santos Reis, parando cada dia em um morador devoto do santo ou mesmo simpatizante de sua causa. Esse movimento tomou corpo e expressão e hoje a Folia de Reis é realizada em vários distritos de Jaraguá e até na capital.

Essas manifestações, sejam religiosas ou culturais, envolvem o povo, principalmente os que participam de suas realizações, num clima místico de fraternidade, boa vizinhança e amor ao próximo. Talvez venha daí tanta fé, devoção e lágrimas demonstradas durante tais festejos.

Povo tão rico culturalmente não podia deixar de contar com boas escolas e ensino de qualidade.

O ensino em Jaraguá antes era feito em casas particulares, gratuito para os alunos e pago pelo município.

Em 1927 foi fundada em Jaraguá, na Rua do Rosário, a primeira escola com o objetivo de reunir as diversas escolas isoladas; chamou-se Grupo Escolar de Jaraguá. Em 1933 a escola passa a ser chamada Grupo Escolar Ruy Barbosa e três anos mais tarde, em 1936, passa a se chamar Escola Estadual Manuel Ribeiro de Freitas Machado, em homenagem ao Intendente Municipal à época da fundação da escola e doador do prédio ao Estado para o funcionamento da mesma.

A medida que o tempo passava, Jaraguá ia, mesmo sem o querer de muitos moradores, deixando de ser a pacata província onde todos se conheciam e mostrava sinais de progresso principalmente pela determinação do governo em colonizar o interior do país. Muitas outras escolas surgiram no cenário educacional jaraguense, provando sempre o aumento populacional da cidade.



Dr. Felicíssimo, Prefeito de Jaraguá e Fundador do Colégio Estadual São José em 1968

CAPÍTULO V

A organização política em Jaraguá

A família Ribeiro de Freitas chegou a Jaraguá, por volta de 1840, vinda de Trairas-GO. Há relatos diversos sobre essa migração. Uns atribuem a chegada desta família a Jaraguá por causa dos garimpos desativados em Trairas e São José (Niquelândia). Outros apontam estas mudanças devido a freqüentes ataques dos índios Avá-Canoeiros no norte de Goiás.

Chegando a Jaraguá, essa família se instalou na rua principal, chamada Rua Direita. Desde que se instalou em Jaraguá, essa família passou a fazer parte da camada dominante da cidade.

A família Castro chegou um pouco mais tarde, mais ou menos no ano de 1875, vinda do Triângulo Mineiro. Os primeiros a chegarem eram chamados Tropeiros e tinham uma mentalidade diferente daquela aurifera que imperava no local, porque eles eram mais interessados na agricultura e pecuária. Essa família se instalou na Rua do Rosário.

Desde a chegada destas famílias, o comando político da cidade esteve sempre ocupado por elementos de uma ou de outra família. Quando o prefeito não era genuinamente Freitas ou Castro, podia e pode-se até hoje observar que por trás dele está uma destas famílias.

Este revezamento começou com os Intendentes municipais, permanecendo também a partir de 1930, quando Nicanor Ferreira Rios, representante da família Castro, foi eleito prefeito de Jaraguá. De lá até os nossos dias, vê-se claramente a qual das famílias pertencida cada um deles. Que são na ordem de eleição: Elias Fonseca (F); Antonio de Castro Ribeiro (C); Diony Gomes Pereira da Silva (C); Peixoto da Silveira (F); Clotário de Freitas (F); Antonio Bernardo Machado (C); Silvio de Castro Ribeiro (C); Felicíssimo do Espírito Santo (C); Silvio de Castro Ribeiro (C); José de Melo (F); Tubertino Bráulio de Freitas (F); Alano de Freitas (F); Paulo Antonio Gonçalves (F); Nélio Leite de Assunção (C); Jovano Vieira Manso (C); Márcia Fonseca Assunção (C) e Lineu Olímpio de Souza (F).

Curioso na eleição para prefeito de Jaraguá em 2004 é o fato do prefeito eleito ter sido apoiado pelos Freitas, sendo parente dos Castros. O prefeito Lineu, embora assinasse Olímpio de Souza, assinatura de seu pai, é descendente da família Castro pelo lado materno, pois, sua mãe, D. Lyzes Gomes Pereira da Silva é parente

próxima de Josefa Gomes Pereira da Silva, casada com Antonio de Castro Ribeiro e eram pais de Diógenes de Castro Ribeiro, o coronel Castrinho.



Lineu Olímpio de Sousa nasceu em Jaraguá, em 23/12/1961. É filho de Marcelino Olímpio de Sousa e D. Lyzes Gomes Pereira da Silva. Lineu é Engenheiro, casado com a Sra Glades Maria Oliveira de Sousa e possuiu três filhas: Gabriela, Isabela e Isadora. Lineu foi eleito prefeito de Jaraguá 2005-2008.

Dr. Diógenes de Castro Ribeiro é filho do ex-prefeito Silvio de Castro Ribeiro e D. Ires Alves de Castro. Foi eleito presidente da Câmara dos Vereadores de Jaraguá 2005-2006. Além de neto, possui o mesmo nome e apelido do avô, o Coronel Castrinho, líder político em Jaraguá de 1910 a 1930.



Mesmo sendo ferrenhos adversários políticos, essas famílias foram se misturando e acabaram se transformando em uma grande família que foi se unindo a outras que iam chegando: Ferreira Rios, Aranha, Gomes Pereira da Silva, Félix de Souza, Amorim, Carvalho, Fonseca, Barbo de Siqueira, Alvares da Silva e outras. Constituíam-se as famílias nobres e tradicionais de Jaraguá.

Embora essas famílias tenham tido certos cuidados em manter a nobreza nos casamentos de seus descendentes, pode-se afirmar com certeza, o fracasso de tal intenção, porque atualmente a miscigenação nessas famílias ultrapassou os limites sócio-econômico e cultural exigidos até a bem pouco tempo por elas na união matrimonial de seus filhos.

Como em todo o Brasil, o jaraguense sofreu as conseqüências advindas das oligarquias, do coronelismo e da ditadura do regime militar, regimes autoritários de certas épocas de nosso passado.

O coronelismo foi uma fase vivida no Brasil onde quem mantinha o poder e ditavam as leis eram os coronéis. Para ser coronel naquela época não precisava de patente ou diploma, bastava ter grandes extensões de terra, gados, muitos escravos, jagunços e principalmente muito prestígio junto aos governadores de Províncias.

Em Jaraguá houve muitos coronéis, tanto Freitas como Castros, Rios, Fonseca e vários outros.

A maioria desses coronéis eram reacionários, temiam o progresso, não por vaidade ou egoísmo, mas, por achar que o desenvolvimento viria acabar com a inocência de seu povo e gerar o anarquismo.

Interessante é reconhecer que as maldades praticadas por estes coronéis não eram diferentes das praticadas hoje em épocas de eleições. Mudaram apenas as nomenclaturas dos envolvidos: os coronéis de hoje atendem-se mutuamente por vossas excelências, os jagunços do passado, são atualmente os seguranças particulares e os matadores de aluguel; o voto de cabresto de ontem, agora se chama cesta básica e salário escola, e os devedores que tinham suas terras tomadas de volta, em pagamento de dívidas, agora têm suas vidas ceifadas.

A grande diferença entre tudo isso é que tanto na época do coronelismo, como do regime militar, a ordem, a paz e o respeito eram vistos e sentidos por toda a população.

A política em Jaraguá, até onde a memória alcança, vê as famílias Freitas e Castro se digladiando pelo poder. Com isso, já lançaram mão de vários partidos: UDN para os Castro, PSD para os Freitas. Depois veio ARENA para os Castro e MDB para os Freitas. Mais tarde, PDS para os Castro e PMDB para os Freitas. Hoje os Castro são PSDB e os Freitas continuam PMDB. Curioso é que os Freitas foram um dia PSD (1960) e os Castro foram PDS (1980), sendo que as siglas são as mesmas, apenas invertidas.

Um fato interessante na história de Jaraguá é que a cidade possuiu vários coronéis, mas só um deles ficou no imaginário popular: o coronel Castrinho.

O coronel Castrinho chamava-se Diógenes de Castro Ribeiro, nasceu em Jaraguá no dia 10/10/1878 e casou-se com D. Isaura Rios e

tiveram 9 filhos: Silvío, Lila, E lza, Marconi, Helena, Josefa, Néilson, Hélia e Antonio José, apelidado Zuca.

O coronel Castrinho recebeu de herança de seu pai, enormes glebas de terras e foi um dos homens mais ricos e poderosos de Jaraguá. O seu grupo político reinou absoluto entre os anos de 1910 e 1930.

Em recente pesquisa sobre o coronelismo em Jaraguá, a professora Cristiane Eunisse da Fonseca tem sido veemente criticada por muitos jaraguenses. Infelizmente temos que reconhecer que os maiores entraves para o bom entendimento do brilhante trabalho apresentado pela professora Cristiane são dois: o primeiro são alguns parentes co-sanguíneos do "Coronel Castrinho" que se deixam levar pelo lado emocional da questão e, o segundo são pessoas que por não saberem o que vem escrito nas entrelinhas de um texto, perdem-se entre o real e o imaginário e não distinguem o científico do literário ou imaginário popular.

Ao enfatizar o coronel Castrinho em sua pesquisa sobre o coronelismo em Jaraguá, a professora Cristiane Eunisse conseguiu, talvez até, não intencionalmente, immortalizar ainda mais este homem que se torna a cada dia mais mitológico. O coronel Castrinho em nada foi diferente dos outros coronéis de sua época e nem dos jaraguenses de hoje. Quando a política chega, o lema era e ainda é: amigos, amigos; negócios à parte. As amizades, o parentesco, os laços de estima, consideração e as relações de boas vizinhanças são esquecidos. Se apelidam mutuamente, fazem juras de vinganças eternas e prometem bater, matar e ou transferir o adversário para onde o Judas perdeu as botas. É esta a escola política deixada pelos antepassados Freitas e Castros às futuras gerações de Jaraguá.

O que diferencia o coronel Castrinho de todos os coronéis de sua época, é que somente ele conseguiu arraigar a si próprio, tais nuances do coronelismo que, ao invés de torná-lo monstro, tem servido muito mais para registrar, perpetuar e consolidar o coronel Castrinho, como a maior lenda viva do momento na já tão lendária terrinha chamada Jaraguá.



Diógenes de Castro Ribeiro
Coronel "Castrinho"

* As informações contidas neste livro foram retiradas das fontes bibliográficas citadas.

Pontos de encontro e de compras ontem e hoje

Cada geração vive a sua época e a história torna-se dinâmica, sendo necessário registrar os momentos pelos quais ela é formada.

Muitas lojas, cafés, bares e lanchonetes apareceram e desapareceram do cenário comercial Jaraguense deixando saudade nos viventes de cada época.



Vê-se no interior do bar o popular "Anjo" e na mesa, do lado de fora as assíduas freguesas: Giovana Machado, Antonieta Bravo, Luzia Belmito (Ló) e Nair Macedo (Limpe-zinha).

Os jovens que viveram as décadas de 50 e 60 ainda se lembram hoje do bar da Ordália, famoso ponto de encontro em Jaraguá naquela época, da barraca na quadra em frente ao Clube Social, na praça da matriz, das deliciosas quitandas do café de dona Bill e do saudoso Cine Iris do Senhor José Chagas, onde passavam as inesquecíveis aventuras do garoto mexicano chamado Joseilto.

A juventude dos anos 70, suspira profundo ao lembrar da saudosa lanchonete Capri, antes, em frente à escola Manuel e, mais tarde, ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Do inesquecível bar Urtigão, onde servia o Drink chamado Cuba Livre, a bebida do momento, das discotecas Kat Chup e Sagitários e da Choupana, na praça do Coreto e também do Sambão, espécie de Boate na rua da antiga cadeia. Já os jovens viventes nas décadas de 80 e 90, reclamam o fim das agitadas noites nos bares da praça do Coreto e das ruidosas danceterias, vulgarmente chamadas "mela cueca."

De todos os pontos comerciais existentes em Jaraguá, quatro deles chamam a atenção por terem permanecido no cenário Jaraguense há mais de meio século e se fazem presentes até os dias atuais: O bar do "Seu" Antônio Sá Joana, o bar Avenida, a loja do

Seu Marcelino e a sorveteria do Taciano.



A saudosa lanchonete Capri Marlene Albino e Mineirinho comemoram o batizado da filha Thays, juntamente com Marinha e o inesquecível "Chico do Batuta" vindo-se ao fundo o proprietário Osmar

O Bar de "Seu Antônio Sá Joana na praça da Matriz, de frente para o salão Paroquial é dirigido hoje por sua filha Nely, mais conhecida por Lene. Sua clientela, como no passado, é composta por pessoas simples, humildes, honestas e amigas. Antonio de Sá Joana era o apelido do Sr. Antonio Rodrigues, tocador de tuba na banda Santa Cecília nos anos 50 e 60 e foi muito conhecido e querido da sociedade Jaraguense.

O bar Avenida, na praça do Coreto, surgiu devido a construção da rodovia Bernardo Sayão que ligava o sul do país à 1ª Colônia Agrícola Nacional de Goiás Ceres.

Essa rodovia é hoje a avenida Harrenius Fábio Machado de Freitas, também conhecida como Bernardo Sayão em homenagem ao engenheiro que construiu essa rodovia e viveu em Jaraguá por ocasião da fundação da Colônia Agrícola de Ceres. O bar Avenida foi muito frequentado nos anos 50 e 60.

A sorveteria do Taciano, embora tenha mudado de lugar várias vezes, continua na rua Vigário Álvares da Silva, surpreendendo moradores e turistas de Jaraguá com sorvetes e picolés de frutas da terra: cajalinho, calu do campo e murici, frutas naturais do cerrado Jaraguense.

A Casa Nossa Senhora da Penha, popularmente conhecida como loja do "Seu" Marcelino, ultrapassa meio século de existência no confuso cenário da economia brasileira, mantendo uma sistemática simples de vendas, sem consulta a SPC e SERASA, onde o conhecimento e a confiança no cliente substituem a complicada burocracia do crediário.

Marcelino Olimpio de Sousa é tocantinense da cidade de Pedro

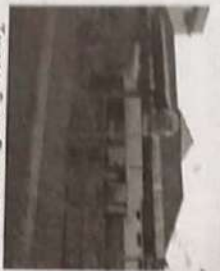
Afonso. É casado com D. Lyzes Gomes Pereira da Silva, de tradicional família jaraguense e possuem seis filhos: Eliane, Lineu, Gustavo, Lismar, Adriano e Ângela.

Atualmente o casal Marcelino/Lyzes vive momentos de grande alegria e satisfação em ter o filho Lineu, atual prefeito de Jaraguá.

Antevendo o futuro através dos acontecimentos do passado, prevê-se que amanhã os jovens de hoje sentirão saudades dos atuais pontos de encontros em Jaraguá: os bares da avenida JK, o restaurante do Lago, o Casarão ao lado da igreja do Rosário, o bar do Ronaldinho ou então do bar do Augusto, antigo bar BHC e, hoje, mais conhecido como Esquina da conturndente de um passado que ficou na história e na memória de todos aqueles que vivem, viveram ou simplesmente passaram um dia pela lendária terra chamada Jaraguá.



A primeira foto do Sr. Marcelino na esquina da Rua Direita com a Rua do Rosário. Na foto o Sr. Marcelino com dois grandes amigos da época, Dr. Amintas de Freitas e José Cecílio, vê-se ainda na foto, Etnara de Freitas, sobrinha e afilhada do Dr. Amintas.



Venetas Bar e Restaurante
Atendimento de 2ª a domingo
Tom e Gabriela
Fone: 9995-1650



O Casarbo
restaurante, whiskeria, chopparia
e quadras de futebol socca
Praça do Rosário, Centro



Quinta dos Riantes - Restaurante do Lago
Atendimento de 4ª a domingo
Emílio e Floriana
Fone: 9989-5053

Declaração de Amor a Jaraguá

Professor: João Luiz das Graças Soares

No ciclo do ouro,
Cavalgar foi preciso
Com vil metal tão pesado,
Pousos eram repetidos.

De Santana à Meia Ponte,
Ao sopé de um Jaraguá,
Manuel Rodrigues Tomar
Parou pra repousar.

Encontrou ouro,
Riqueza,
Vida....
Apaixonou-se por Jaraguá.

Jaraguá?
Porque é o Senhor do Vale,
Tupiniquim ou não,
Aqui aprende-se a amar.

Nossos algozes foram embora,
Deixando sonhos,
Lendas e
Tradições

Deixaram também um sorriso
maroto
Daquele garoto pardo?
Negro? Louro? Índio ou mulato?
É Jaraguense!

Ainda hoje Jaraguá é uma beleza,
Pois o homem soube transformar
Bateia e enxada
Em tecido, máquina e riqueza.

Agora embalados nos sonhos,
Lendas e tradições
Embebedemos-nos desse coquetel
de cores
E cantemos canções.

A ti Jaraguá
A ti terra indolor *
Lírica nos sonhos, épocas nas
lendas
e dramática no amor.

Jaraguá, oh, Jaraguá!
Altaneira?
Feiticeira!!!
Em meus sonhos tu és a primeira.

* O certo é épica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURADO, Sebastião Fleury. Memórias Históricas. 1989.
- DUARTE, Lyz Elizabeth A. Melo. Tese de Doutorado. 1999.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. O mistério do ouro dos martírios. 1960.
- FONSECA, Luciano da. Dissertação de Mestrado. 1999.
- PALACIN, Luis. História de Goiás. 6ª ed. 1994.
- PEDROSO, Dulce Madalena Rios. Revista de Divulgação Científica. UCG, 1999.
- ROMACHELLI, Maria Helena de Amorim. História de Jaraguá. 1998.

ENTREVISTAS:

- Sr. José Joaquim do Nascimento - Maestro da Banda Santa Cecília de Jaraguá, 05/02/2005.
- Profª Dulce Madalena Rios Pedroso - Mestre em História, 26/03/2005.
- Sra. Maria Helena Romachelli - Escritora e artista plástica, 12/04/2005.